

ORGANIZADORAS

Laura Wottrich (Coord.)

Nísia Martins do Rosário

# EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO



| São Paulo | 2022 |



Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbidia Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Sketchepedia, Rawpixel.co, Visnezh - Freepik.com
Tipografias	Swiss 72, Andreas, Sofia Pro
Revisão	Agnaldo Alves
Organizadoras	Laura Wottrich (Coord.) Nísia Martins do Rosário

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96

Experiências metodológicas na comunicação / Laura Wottrich (Coordenador), Nísia Martins do Rosário (Organizador). – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-551-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95514

1. Comunicação. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. 4. Linguística. I. Wottrich, Laura (Coordenador). II. Rosário, Nísia Martins do (Organizador). III. Título.

CDD 302.2

Índice para catálogo sistemático:

I. Comunicação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

[livro@pimentacultural.com](mailto:livro@pimentacultural.com)

[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



2 0 2 2

# 2

Laura Wottrich  
Pâmela Craveiro

## CAMINHOS DE UMA METAPESQUISA METODOLÓGICA

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.02

A metapesquisa metodológica teve como recorte 12 Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área de Comunicação, filiados<sup>16</sup> à Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que obtiveram notas 5, 6 e 7 na avaliação quadrienal<sup>17</sup> de 2013 a 2016, empreendida pela Capes<sup>18</sup>. São programas de referência nacional e internacional (nota 6 e 7) e avaliados como muito bons (nota 5). Esse recorte foi feito pelo desejo de mapear PPGs considerados de excelência na área, conforme critérios adotados pelo Órgão<sup>19</sup>. Implícita a essa escolha, pairou a indagação de como os trabalhos originados nesses Programas realizavam e comunicavam, em seus relatórios, a dimensão metodológica.

Em um primeiro momento, foi realizada a consolidação do *corpus* total do trabalho, a partir de busca no Portal Sucupira, em cotejamento com os relatórios inseridos no sítio eletrônico dos Programas. Decidiu-se compor um *corpus* de corte longitudinal, tomando o primeiro ano da avaliação quadrienal (2013) e avançando até o período em que a coleta de dados foi realizada (2018). Assim, buscamos construir um *corpus* representativo de um período de tempo um pouco mais ampliado, que pudesse indicar pistas importantes sobre os modos como a metodologia era realizada nas pesquisas. A partir desse processo, excetuando os trabalhos indisponíveis ou cuja divulgação não foi autorizada pelos autores, chegou-se a um *corpus* de 1877 pesquisas, conforme distribuição abaixo:

- 16 Entidade expressiva do campo, congrega PPGs em prol do fortalecimento e da qualificação da área da Comunicação no país. Os PPGs filiados à Compós representam, nesse sentido, um grau elevado de institucionalidade e de comprometimento com o desenvolvimento do conhecimento na área.
- 17 A avaliação se relaciona aos processos de permanência dos PPGs, em um sistema com critérios padronizados e públicos, com objetivo de contribuir para a qualidade e para o desenvolvimento da Pós-Graduação brasileira e também fornecer um retrato da situação desse âmbito de formação no respectivo quadriênio (CAPES, 2017).
- 18 Ao todo, foram avaliados 44 PPGs da área da Comunicação nesse quadriênio (CAPES, 2017).
- 19 Sem negligenciar, evidentemente, os questionamentos em torno dos critérios de produtividade e suas implicações para o conhecimento que é produzido pelo campo (VOGEL, 2015).

Quadro 1 – Corpus do mapeamento

IES	PPG	NOTA	
ESPM	COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO	5	88
PUCRS	COMUNICAÇÃO SOCIAL	5	231
UERJ	COMUNICAÇÃO	5	116
UFBA	COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA	5	152
UFF	COMUNICAÇÃO	6	149
UFPE	COMUNICAÇÃO	5	182
UFRGS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	5	201
UFRJ	COMUNICAÇÃO	7	235
UFSM	COMUNICAÇÃO	5	116
UNISINOS	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	6	179
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS	5	77
UFMG	COMUNICAÇÃO SOCIAL	6	145
TOTAL			1877

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

Com o *corpus* consolidado, passamos para a elaboração da ficha de análise dos trabalhos, realizada em rodadas sucessivas de discussões com o grupo de pesquisadores envolvidos no projeto. A ficha foi estruturada a partir da proposição do modelo metodológico de Lopes (1990), considerando que uma pesquisa se estrutura em alguns níveis e fases específicas. Entendemos a abordagem dos níveis da pesquisa como um ângulo de entrada para captura das informações, considerados os devidos arranjos que direcionaram nosso olhar analítico a partir do interesse na dimensão metodológica e também o limite qualitativo da análise frente a um conjunto extenso de observáveis. São considerados níveis da pesquisa as dimensões epistemológica, teórica, metódica e técnica.

A epistemologia é tratada como uma perspectiva, um olhar para os modos como o conhecimento é organizado e produzido. As práticas científicas, como um sistema articulado e institucionalizado, são historicamente determinadas, a partir da proposição de Bachelard (2000). A compreensão da ciência a partir de seu contexto histórico é um movimento que gera inúmeras e profundas implicações à visão e à prática da pesquisa, em especial, acarreta a negação de uma categoria universal ou homogênea de verdade científica. Fazer ciência, nesse sentido, é – situado em determinado contexto social e histórico – romper com o conhecimento usual, com o senso comum. Os princípios de cientificidade de determinada área operam internamente à prática científica (LOPES, 1990). Assim, o trabalho de pesquisa é uma prática que ultrapassa o saber cotidiano através de operações metodológicas específicas que constroem os objetos do conhecimento (BACHELARD, 2000).

A instância epistemológica representa uma postura de vigilância permanente em relação a todas as etapas da pesquisa, é a crítica a partir desse “olhar epistemológico” que organiza os critérios de validação interna da ciência (LOPES, 2004). Através dessa postura, pode-se desnudar as diversas vinculações com paradigmas, teorias, quadros de referência e modelos explicativos que a abordagem de um ou de outro objeto do conhecimento carrega.

Na construção da análise, essa instância materializou-se na eleição de um fenômeno do mundo como um objeto científico, em um processo de ruptura epistemológica. Interessou-nos a identificação de uma postura de vigilância epistemológica no trabalho, explicitada sobretudo no âmbito da construção da problemática de pesquisa e dos objetivos. Também exploramos as subáreas da pesquisa, um processo tentativo de identificar a aderência das pesquisas com determinadas discussões no escopo mais amplo do campo comunicacional. As subáreas na perspectiva aqui adotada não são territórios com fronteiras

rígidas e sim articuladas a ângulos de entrada (BRAGA, 2011a), os quais revelam como são constituídos os objetos de estudo em função do enfoque dado nas teses e dissertações. A identificação das subáreas ocorreu de modo constante no decorrer do processo de fichamento dos trabalhos, a organização foi objeto de discussão entre o grupo e revisitada de modo a eliminar arestas e potencializar o delineamento da análise. Foi, também, abordado o objeto empírico dos trabalhos, na tentativa de capturar a construção do objeto de pesquisa a partir das angulações realizadas pelos pesquisadores.

A instância teórica se refere, numa definição ampla, do quadro teórico de referência forjado na e para a investigação. É, assim como na instância epistemológica, uma tomada de posição relacionada ao objeto, aos objetivos e à problematização da pesquisa. Braga (2016) aponta quatro possibilidades de acionamento da instância teórica no processo de pesquisa: o primeiro é a teoria como uma visão de base, como fundamento. Neste escopo, a teoria opera como uma fundamentação do estágio inicial da pesquisa, que culminará na tessitura do projeto de investigação. O segundo acionamento é a teoria como um conhecimento estabelecido. Trata-se de cotejar determinada teoria a partir de sua potencialidade explicativa em relação ao objeto, ao contexto, à proposta da investigação. Comumente, é o preconizado nos manuais da área como um “quadro teórico de referência”. A teoria como ação metodológica é o terceiro acionamento possível. Muitas vezes perceptível de forma sutil nos relatórios de investigação, são as reflexões que subjazem à construção da questão de pesquisa e dos objetivos, e também o conjunto de conceitos que orientam a incursão propriamente metodológica (no sentido operativo) para escolher as formas de analisar o objeto. O quarto acionamento é, por fim, a teoria produzida pela própria pesquisa.

Nem todos os acionamentos são visíveis em uma investigação, e nem todas as investigações os enunciam claramente, a depender

da problemática e das opções do pesquisador no percurso. No fichamento, foi abordado especificamente o segundo acionamento teórico, relativo ao quadro teórico de referência.

Situado entre um âmbito teórico e outro operativo, a instância metódica dá conta da objetivação dos quadros de análise “[...] através dos quais são ordenados e articulados os conceitos, elementos e variáveis, numa espécie de arquitetura do discurso” (LOPES, 1990, p. 110). Na análise, mapeamos as modalidades de enunciação da metodologia no projeto, se o/a autor/a expunha, em alguma parte do trabalho, sua processualidade metodológica e de que modo era realizado esse investimento. Ainda no entendimento da instância metódica, explorou-se se os trabalhos primavam por uma abordagem quantitativa, qualitativa mista ou se ainda não a explicitavam.

Por fim, temos a instância técnica, o espaço das “teorias em ato” (Bachelard), onde a perspectiva metodológica se materializa em operações e procedimentos específicos. É o espaço em que as informações são coletadas e transformadas em observáveis que servem ao delineamento da problemática e desenvolvimento da pesquisa. Não foi consolidada *a priori* uma listagem das estratégias metodológicas possíveis no âmbito das investigações. Foi sugerida uma lista inicial, a qual foi revisada e ampliada durante a metapesquisa. Essa decisão buscou consolidar um gesto de abertura à diversidade de estratégias que o *corpus* poderia apresentar, assim como para as inovações nesse âmbito propostas nas investigações. Cabe mencionar que não foi pretensão do projeto esgotar as estratégias metodológicas possíveis, uma “floresta de métodos”, como define Santaella (2001), múltipla em termos de vinculação metódica, teórica e epistemológica, mas iluminar o conhecimento sobre os trajetos metodológicos realizados pelas pesquisas. Exploramos, ainda, quais teorias acionadoras da metodologia foram mobilizadas pelos autores, no sentido de identificar quais substratos teóricos são priorizados.

Quadro 2 – Instâncias da pesquisa e dimensões de análise

Epistemológica	Problema de pesquisa/problematização Objetivos de pesquisa Subárea de pesquisa Objeto empírico
Teórica	Quadro teórico de referência (três conceitos centrais do trabalho)
Metódica	Apresentação da metodologia
Técnica	Estratégias metodológicas mobilizadas Teorias acionadoras da metodologia

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

A partir do delineamento e operacionalização analítica dessas instâncias, foi elaborado o instrumento de coleta de dados, que passou por fase de testes e foi posteriormente revisado. No período de dois anos, o grupo dedicou-se, então, à leitura, fichamento e análise dos trabalhos com base nesse instrumento, com a realização de reuniões periódicas para polir arestas e alinhar as possíveis dúvidas. O trabalho foi dividido por regiões: primeiramente, foram analisados os relatórios desenvolvidos por PPGs da região Sul<sup>20</sup>, posteriormente, da região Sudeste e, por fim, da região Nordeste.

Para realização dos fichamentos, os relatórios foram consultados na íntegra, com foco nas dimensões indicadas no instrumento. Foi reservado um espaço para que o pesquisador pudesse indicar eventuais dúvidas ou questões para a análise da equipe responsável pela consolidação das informações. Passado o período de fichamento, os dados foram reunidos em planilha no formato excel e consolidados em uma base. Um processo permeado por dificuldades, a começar pelo acesso aos relatórios de pesquisa, cuja consolidação muitas vezes passou por uma comparação entre as informações disponíveis na plataforma Supcupira, nos sítios dos PPGs, com eventuais contatos em alguns Programas para obter trabalhos sem acesso por razões de ordem técnica ou

20 Uma primeira análise foi apresentada em 2020 no GP de Teorias da Comunicação da Intercom (WOTTRICH *et al.*, 2020).

procedimental. Um outro desafio se deu na realização do trabalho em rede, no contexto da pandemia de covid-19, com pesquisadoras situadas em diversas regiões do país e no exterior, o que demandou atenção redobrada e revisão constante do planejamento inicial.

Os fichamentos foram realizados a partir das informações explicitadas nos relatórios. Ou seja, tentamos capturar, sempre que possível, as dimensões de interesse a partir de sua enunciação no texto. Desse modo, tentamos evitar produzir inferências com base nas informações apresentadas de modo tácito, um cuidado importante para o projeto, visto que nosso interesse estava em compreender justamente a explicitação da práxis metodológica nos trabalhos.

Esse traçado, brevemente retomado nessas páginas, sofreu desvios de rota, modulações, ajustes que aconteceram no ritmo próprio de nosso contato e intimidade com o conjunto de informações que objetivávamos desbravar. Algumas dimensões que pareciam muito estáveis foram posteriormente subsumidas da análise, enquanto outras ganharam maior relevo e projeção. Inicialmente, a pesquisa se propunha a empreender dois movimentos, um de ordem quantitativa e outro qualitativa, em diálogo com outras experiências de metapesquisa (MATTOS; BARROS; OLIVEIRA, 2018; JACKS *et al.*, 2017; JACKS, 2014; JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008). No entanto, o investimento para fichamento dos trabalhos, organização da base e discussão dos resultados quantitativos foi tamanho que nos levou a circunscrever a discussão aos achados gerais a partir de um enfoque mais quantitativo. A exploração de ordem mais qualitativa foi estimulada a partir das discussões sobre as estratégias metodológicas mais mobilizadas pelo campo, o que o leitor encontra do capítulo 3 em diante. Há ainda um amplo conjunto de dados para a discussão, referente às instâncias epistemológica, teórica, metódica e técnica, que temos a expectativa de esmiuçar futuramente.

Compartilhado o nosso percurso, passamos à apresentação dos achados, com enfoque quantitativo. Reiteramos que esses

dados, em si mesmos, não fornecem indicativos sumários de como a instância metodológica se realiza. Sua apresentação é realizada com a expectativa de dois movimentos: (i) possibilitar aos leitores o reconhecimento do delineamento metodológico na Comunicação a partir das pesquisas produzidas em nosso campo, empreendimento necessário, mas ainda escasso; e (ii) estimular os pesquisadores a fazer a discussão dessas informações a partir de sua situacionalidade e angulações epistemológicas e teóricas no campo, o que, no final das contas, não deixa de ser um estímulo à própria reflexividade metodológica defendida nas páginas anteriores. Na descrição, são esmiuçadas a instância epistemológica (problematização/objetivos, subárea de pesquisa), a instância metódica (apresentação da metodologia) e a instância técnica (estratégias metodológicas mobilizadas). Optamos por não apresentar os dados relativos à instância teórica em termos quantitativos, pois entendemos que sua exploração, dada a diversidade conceitual identificada (mais de duas mil entradas conceituais), demanda uma discussão mais aprofundada, no sentido de empreender agrupamentos, delinear movimentos e voltar aos trabalhos para discutir os acionamentos realizados, o que não se tornou compatível com um enfoque mais generalista, pelo menos não no tempo de que dispúnhamos. Interessam-nos as vinculações entre as escolhas teóricas e o desenvolvimento metodológico, amarrações tecidas dos mais diversos jeitos, considerando que o campo da Comunicação não se configura a partir de uma sedimentação consensual dos aportes teóricos, enraizados em tradições (BRAGA, 2011b).

Na dimensão epistemológica, atentamo-nos para a configuração de uma problemática de pesquisa e dos objetivos. São diversos e desiguais os pesos atribuídos a essas dimensões em uma pesquisa, como discutido em outro momento (WOTTRICH *et al.*, 2021). Não nos interessou compreendê-las estritamente em sua formalização, pois isso significaria consolidar, em maior ou menor medida, uma visada prescritiva, como um *checklist* de tópicos que situariam o trabalho como científico ou não. Importou sua dimensão heurística, reveladora

das injunções realizadas pelo pesquisador em processos de aproximação, delimitação e foco sobre o fenômeno que eleger para analisar. Por isso, mais do que a escolha de uma pergunta/questão de pesquisa, buscamos identificar os movimentos de problematização associada a outros elementos processuais da investigação (BRAGA, 2016).

Não há consenso sobre a relação entre o problema/problemática da investigação e os objetivos de uma pesquisa, suas ordens de articulação, abrangência e finalidades. Muitas vezes, essas dimensões são consideradas intercambiáveis ou até mesmo dispensáveis. Há distintos olhares teóricos sobre a questão, de manuais a discussões epistemológicas mais densas, desde diferentes tradições disciplinares (WOTTRICH *et al.*, 2021). A forma como entendemos essas dimensões passa pelas maneiras como ela é mobilizada em nosso próprio território, a Comunicação, a partir de teorizações e experiências. Por isso, o que trazemos na sequência se baseia nesse diálogo com os pares.

Desde esse lugar – o subcampo científico da Comunicação –, a dimensão da problematização tem centralidade, pois é a partir dos movimentos gerados em sua constituição que angulamos nossa abordagem do fenômeno analisado, em articulação com a teoria e com o cenário empírico (LOPES, 2003a; BRAGA, 2005, 2016; BARBOSA, 2020). É no próprio exercício sempre tentativo e aproximativo da problematização que o objeto de pesquisa se constitui, por isso, a ação de perguntar é em si um movimento fundamental da práxis metodológica, a partir dele configuramos as bordas do que nos dedicamos a investigar. Como argumenta Braga (2011b), se temos um bom problema de pesquisa, as demais atividades e dimensões do fazer investigativo articulam-se com facilidade ao seu redor.

Além dessa vinculação epistemológica da problematização, ela também existe em um nível “tático”, pois diferentes perguntas nos levam a diferentes caminhos de pesquisa (SANTAELLA, 2001; BRAGA, 2005; MARTINO, 2018). Apresentar a dimensão da problematização nesse nível possui algumas implicações, afinal, propor uma questão de pesquisa

significa assumir um compromisso em discuti-la. Comunicar uma ou mais perguntas de pesquisa é considerar que elas podem ser enfrentadas e debatidas nos marcos epistemológicos, teóricos e empíricos da própria investigação. Tanto em um nível epistemológico, quanto em um nível tático, “Perguntar sobre as perguntas” se torna uma forma de reconhecer, objetivar e inscrever as decisões e recortes delineados no curso de uma pesquisa. Daí a afirmação sobre a importância dessa dimensão.

Existem muitas confusões sobre a relação da problemática/problema com os objetivos de uma pesquisa, e não temos a intenção de enfrentá-las: sua explicitação poderia render um bom debate teórico, mas pouco serviria a nossa intenção com este texto. Isso porque, muitas vezes, a discussão parece ocupar-se dos aspectos formais/estruturais que delimitariam uma ou outra dimensão, mas não se centram em estabelecer suas distinções e similaridades a partir do modo como elas existem, são encarnadas nas pesquisas.

De qualquer forma, importa dizer que os debates teóricos em torno dos objetivos costumam ser menos acalorados do que os direcionados à problemática. E isso parece ter uma explicação, pois os objetivos – do latim, *objectus* – significam algo que é lançado diante dos nossos sentidos. Não ocasionalmente, é comum vermos associada ao objetivo a ideia de um alvo, o objetivo seria então aquilo que desejamos alcançar ao fazer uma investigação (SANTAELLA, 2001). Nessa concepção, os objetivos teriam a finalidade de indicar o propósito de uma investigação, de forma mais ou menos complexa/operacional, extensa/lacônica, abstrata/empírica, associados a uma problemática. Quando pensados no âmbito de sua operacionalidade, comumente há a divisão entre objetivo geral e objetivos específicos, esses últimos considerados a partir de seu caráter mais instrumental. Importa considerar que a constituição dos objetivos de pesquisa é estimulada pela problematização do objeto (BRAGA, 2011b) e costuma indicar o caminho a ser percorrido e seus desdobramentos.

Ao analisar como essas dimensões são mobilizadas nas teses e dissertações, vemos que a problematização pôde ser capturada em 1323 trabalhos. Nas outras 564, não foi identificada, o que corresponde a cerca de 43% das investigações. Já a menção aos objetivos da pesquisa é significativamente mais expressiva: 1801 pesquisas os explicitam de alguma forma, apenas 76 pesquisas não o consideram (4,2%). Em relação aos objetivos específicos, 920 pesquisas os mencionam, e em 957 não foram identificados, mais de 50% do total. Em um olhar abrangente, observamos que a dimensão do objetivo de pesquisa adquire maior expressividade do que a da problematização nos relatórios analisados.

Há uma nítida diferença sobre a importância que atribuímos a essas dimensões, na teoria, e o modo como estão inscritas nessas pesquisas. Com base no recorte analisado, podemos indagar o porquê a dimensão da problematização não ser tão priorizada e o que isso revela, em termos das implicações metodológicas, teóricas e epistemológicas, sobre nossos modos de constituir o conhecimento na Comunicação. Cabe aventar se a ausência de trajetos identificáveis inscritos nos relatórios em mais de 40% das investigações poderia levar ao risco comentado por Braga (2011b), de dispersar ângulos, ideias e construções sobre um objeto, sem que isso escoe na indagação propositiva de um ou mais problemas do conhecimento.

Seguindo o trajeto de análise, identificamos 86 subáreas das pesquisas. Cada trabalho poderia ser considerado em até duas subáreas distintas. A identificação dessa dimensão não buscou ser exaustiva ou esgotar as angulações possíveis no campo, uma tarefa por demais pretensiosa, cuja impossibilidade é notável pela diversidade de temas e abordagens que constituem o conhecimento comunicacional. Por outro lado, o movimento tentativo de sua identificação pode ser revelador, em alguma medida, de algumas aderências temáticas e das possibilidades de interface exercitadas pelo campo. Por isso, devem ser tomadas menos em um sentido organizativo e mais como um estímulo



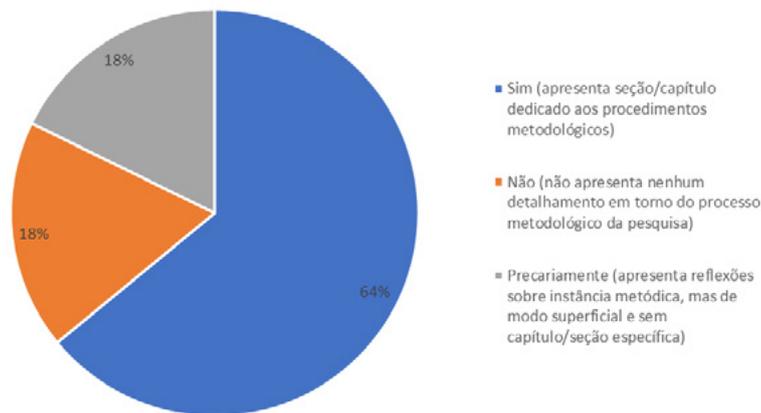
Entre as subáreas mais identificadas, revela-se certa marca habilitacional ou profissionalizante, como identificou Romancini (2006) em relação à classificação à época vigente da área da Comunicação no CNPq, considerando sua aderência a cursos específicos da graduação (jornalismo, cinema, relações públicas e publicidade). Por uma via, isso estimula a reflexão sobre os tensionamentos existentes entre uma formação científica e outra de cunho mais profissionalizante (SIGNATES, 2018). Mas, por outra via, também evidencia as relações entre os subcampos científico e educativo. Embora possuam especificidades, é evidente que as dinâmicas presentes em um e outro espaço se cruzam, chocam e produzem implicações significativas para o conhecimento constituído na Comunicação. Além da marca disciplinar, as subáreas indicam a aderência a alguns temas específicos, como entretenimento, televisão e música. As relações de gênero aparecem como um dos dez temas mais abordados, o que revela o crescente aumento do interesse do campo da Comunicação em discutí-las (TOMAZZETTI, 2020). Há ainda os estudos sobre internet<sup>21</sup>, os quais adquirem evidente protagonismo, também associados a outras subáreas relacionadas.

Em relação à instância metódica, interessou-nos mapear como a processualidade metodológica foi inscrita nos relatórios, se havia um espaço dedicado à sua exploração, se a metodologia era apresentada precariamente, de modo mais superficial, sem um aprofundamento em torno das escolhas realizadas pelo pesquisador, ou ainda se não havia quaisquer indícios de inscrição metodológica nos trabalhos. Tateamos a existência dessa dimensão a partir dos modos como ela foi apresentada nas pesquisas, pois cabe lembrar que “investigamos para comunicar” (GONZÁLEZ, 2007, p. 81) e isso abrange mais do que iluminar os achados, também inscrever a processualidade metodológica na própria

21 Seguindo a abordagem de Pieniz, Silva e Matos (2017) e Pieniz e Wottrich (2014), adotamos o termo “internet” para agrupar os estudos, com ciência das limitações dessa denominação. Buscamos utilizá-la, no entanto, sem excluir sua interface com outras subáreas correlacionadas, como “cultura digital” e “convergência”, as quais foram incluídas, e não subsumidas na subárea “internet”, por considerar que abordam dinâmicas singulares em seu escopo.

investigação, em suas diversas modulações. Em 1235 pesquisas (82%), a metodologia é apresentada, sendo que 64% delas dedica um espaço específico à discussão e 18% a abordam de forma mais tangencial. Em 342 trabalhos (18%) não identificamos quaisquer delineamentos.

**Figura 2 – Apresentação dos procedimentos metodológicos**



Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

Os achados não se referem à qualidade da apresentação metodológica, afinal, é possível dedicar várias páginas apresentando a metodologia em uma perspectiva formalista apartada da discussão teórica e do próprio cenário empírico, ou ainda escrever laudas esparsas, mas que expressem ao leitor de forma competente as tomadas de decisões, inscrições e processualidades realizadas, convocando a reflexividade epistêmica mencionada no capítulo anterior. Somam-se a isso as complexidades das vinculações epistemológicas e teóricas, trabalhos com objetos, assuntos e abordagens diferentes convocam armações metodológicas igualmente distintas, por isso, elas devem ser consideradas no âmbito de sua coerência interna, qualitativamente.

Dito isso, embora a análise dessa instância não possa ser conclusiva, nos possibilita pensar que o subcampo científico possui uma reflexividade metodológica inscrita nos trabalhos, cultivada no decurso do tempo. O cenário que encontramos hoje, a partir de nosso recorte, parece diferir do apontado por Lopes nos anos 1990: “[...] é importante salientar que essas opções [as metodológicas] são normalmente tomadas com um baixo grau de consciência por parte do investigador. No caso das pesquisas de Comunicação Social, esse fato se expressa, em princípio, por uma quase ausência de explicitação da estratégia metodológica que sustenta a investigação” (LOPES, 2003b, p. 101).

Avançando na exploração da instância metódica, desbravamos se os trabalhos possuíam uma aderência à abordagem qualitativa, quantitativa, se as misturavam ou ainda se não as mencionavam. A diferenciação (muitas vezes, a polarização) entre um enfoque e outro é querela antiga, fala das disputas próprias do campo científico e, ao longo do século 20, tornou-se muitas vezes uma “polêmica verborrágica e improdutiva” (BAUER, GASKELL, 2013, p. 9), se considerarmos que são, na verdade, abordagens que se cruzam e complementam. Mais da metade dos trabalhos, 1084 (58%), não enuncia se a pesquisa possui enfoque quantitativo ou qualitativo. Entre os que enunciam, há predominância de abordagem qualitativa em 572 pesquisas (30% do *corpus* total) e mista em outras 217 (12%). A abordagem quantitativa é apresentada em apenas quatro pesquisas. Explicitar a adesão a uma ou a outra abordagem não parece ser uma preocupação para a maior parte das pesquisas analisadas, o que pode revelar um traço constitutivo da forma como experimentamos a metodologia em nosso campo. Essa questão dialoga com as angulações constituídas historicamente na busca do conhecimento comunicacional (BRAGA, 2011a), na relação em si mesmo epistemológica de nossa inscrição nos percursos investigativos e também com os modos como nos situamos na acalorada discussão sobre a relação “sujeito-objeto” que permeia a história da ciência.

Em relação à instância técnica, com a clareza de que não é possível dissociá-la da instância metódica, exploramos as estratégias metodológicas mobilizadas pelos trabalhos. A arquitetura mais rudimentar ou sofisticada das estratégias foi identificada em 1728 trabalhos (92%), apenas em 149 pesquisas não conseguimos capturar quaisquer indícios dos procedimentos mobilizados.

A pluralidade epistemológica e teórica do campo da Comunicação naturalmente também recai sobre as estratégias metodológicas. Elas nascem do objeto, considerando que esse é um sistema de relações expressamente construído a partir das decisões que vão sendo tomadas pelo pesquisador no decurso do tempo, no diálogo (e, por que não dizer, também no conflito) entre a problematização, as abordagens teóricas e o fenômeno analisado. Mas isso não significa que as estratégias metodológicas sejam sempre inéditas, afinal, quando criamos uma estratégia, trazemos muitas vezes conosco aportes de estratégias antecedentes, seja para afirmá-los, seja para recusá-los. Novo, nesse caso, será nosso modo de mobilizá-las, um percurso guiado pela problematização específica de cada pesquisa.

Nesse processo de delineamento das estratégias, as teorias acionadoras da metodologia ganham importância. Elas nos amparam em, pelo menos, duas dimensões: na relação estabelecida entre a metodologia e o quadro teórico de referência (instância teórica) e na indicação de possíveis caminhos (estratégias), de cunho mais ou menos operacional, para a coleta, análise e tratamento das informações. Nessa segunda dimensão, tornam-se um aporte valioso ao indicar as vinculações teóricas e possibilidades operativas de cada estratégia em particular. Há uma vasta literatura, sobretudo em manuais de pesquisa, que abordam as especificidades de determinadas estratégias e as formas possíveis de realizá-las. A diversidade é tamanha que se torna impossível estabelecer qualquer lista exaustiva.

Para entrar nessa densa “floresta de métodos” (SANTAELLA, 2001) na análise das teses e dissertações, fizemos dois movimentos complementares e síncronos: com base na consulta da literatura, listamos as estratégias metodológicas mais conhecidas e mencionadas. No curso da análise, essa lista foi complementada, revista, ampliada, com base no contato com os trabalhos e na identificação das estratégias mobilizadas por eles. Isso resultou na identificação de mais de 50 estratégias diferentes, mencionadas por 1728 pesquisas (92%). Abaixo, indicamos as estratégias metodológicas mais mobilizadas, considerando sua aparição em, pelo menos, 50 trabalhos:

**Quadro 3 – Estratégias metodológicas apresentadas nos trabalhos**

<b>Estratégias Metodológicas</b>	<b>Trabalhos</b>
Entrevista	436
Pesquisa Bibliográfica	286
Observação	260
Análise de Conteúdo	223
Análise de Discurso	210
Estudo de Caso	192
Análise Fílmica/Análise de Audiovisual	187
Pesquisa Documental	157
Etnografia	124
Questionário	90
Cartografia	83
Análise de Imagem	52
Análise Semiótica/Semiológica	52
Netnografia/Etnografia Virtual	50

Fonte: Elaboração das autoras a partir da base nos dados da pesquisa (2022).

A exploração dos resultados em torno das cinco estratégias metodológicas mais mobilizadas pelos trabalhos será realizada nos próximos

capítulos. No entanto, uma apreciação preliminar revela a importância dada à entrevista e à observação como recursos de produção e levantamento de informações. Ambas apresentam a vantagem da diversidade de tipologias e modalidades (DUARTE, 2009; FLICK, 2009), o que propicia flexibilidade na exploração dos objetos comunicacionais. No caso da entrevista, possibilita “[...] um momento privilegiado de encontro comunicacional intersubjetivo” (MARTINO; LOPES; SOUZA, 2017, p. 79). Por sua vez, a observação proporciona um contato direto entre pesquisador/a com a realidade estudada por meio do “[...] acompanhamento sistemático da interação entre pessoas” (MARTINO, 2018, p. 135). A pesquisa bibliográfica foi outra estratégia metodológica recorrente, tendo sido identificada em 286 investigações. Fundamental para qualquer investigação científica – pois permite o levantamento e a análise crítica de referências teóricas já publicadas sobre a temática estudada (MARCONI; LAKATOS, 1999) –, foi mencionada como única estratégia acionada ou como uma das etapas do trabalho científico. Em diálogo com os achados de Quadros, Asmann e Lopez (2014), observamos o uso considerável da Análise de Conteúdo entre as investigações do campo. Presente em 223 trabalhos, é empregada combinada ou não com outros métodos, para estudar os mais diversos objetos. Verificamos ainda a proeminência da articulação da Análise de Discurso para discutir condições históricas, sociais e políticas dos discursos da mídia. A sua presença em 210 trabalhos evidencia como essa estratégia teórico-metodológica encontrou terreno fértil na investigação em Comunicação (MARTINO, 2018).

As estratégias indicadas no quadro 3 possuem distintas complexidades, algumas convocam imediatamente um aporte teórico, enquanto outras podem ser entendidas num nível mais estrito de sua operacionalidade. Elas podem ser mobilizadas em diferentes fases da investigação, com diversas intencionalidades (coletar, analisar, interpretar).

A combinação de mais de uma estratégia foi realizada em 45% dos trabalhos. Associar dois ou mais procedimentos, em chave multimetodológica, é uma rota oportuna para enfrentar a complexidade dos objetos na Comunicação em sua relação com outros saberes e disciplinas (LOPES, 2004).

Em 312 trabalhos (cerca de 16%), foram identificadas estratégias metodológicas singulares, não inventariadas de modo sistemático na literatura e que iluminam movimentos de tensionamento, apropriação e diálogo na configuração de estratégias articuladas às demandas dos contextos investigativos específicos. A diversidade e potencialidade das estratégias e combinações entre elas fica evidente nessas pesquisas, com a constituição de novos trajetos metodológicos possíveis.

No debate sobre estratégias metodológicas, cabe evitar elogiar a criação e criticar a repetição, ou vice-versa. Na verdade, essa é uma questão vazia, pois é possível usar estratégias inéditas, mas com pouca coerência interna e aderência ao cenário investigado; ou repetir estratégias já conhecidas de modo competente e articulado à problemática da pesquisa. Não há “boa” ou “má” estratégia, mas bons ou maus acionamentos.

Então, o que seria um “bom” acionamento metodológico? A resposta parece se direcionar para o rompimento do formalismo, ou seja, não “decalcar” as estratégias dos manuais e inseri-las de forma irrefletida na investigação, sem entender como essa escolha se relaciona com a problemática, com o quadro teórico de referência e com o cenário analisado. E isso passa por compreender que mesmo a dimensão mais instrumental da metodologia é lugar de criação contínua, um espaço por excelência para compor, desmontar, tensionar, ampliar as possibilidades de estratégias a partir daquelas já conhecidas. Ao dialogar com os aportes metodológicos antecedentes, “Podemos complementá-lo[s] – e tensioná-lo[s] produtivamente – pelo esforço de manter articulações dinâmicas entre os diferentes componentes

de nossa pesquisa” (BRAGA, 2011b, p. 10). Os próximos capítulos seguem a prerrogativa desse diálogo, ao discutir as estratégias metodológicas mais mobilizadas nos trabalhos analisados, explorando sua constituição e relação com as teorias acionadoras da metodologia e aportes do campo da Comunicação e de outros campos.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BAUER, Martin.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRAGA, José Luis. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. *In*: MOURA, Claudia; LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2016.

BRAGA, José Luis. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011a.

BRAGA, José Luis. A prática da pesquisa em comunicação-abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. 2011b.

BRAGA, José Luis. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, v. 10, n. 3, p. 288-296, 2005.

BRAGA, José Luis. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. **Revista Contracampo**, n. 10/11, p. 219-236, 2004.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO SUPERIOR. **Relatório da Avaliação Quadrienal 2017** – Comunicação e Informação. Brasília, 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: BARROS, Antonio.; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZÁLEZ, Jorge. Primera parte. Por una cultura de conocimiento. *In*: GONZÁLEZ, J. A.; AMOZURRUTIA, José Amuzurrutia; MAASS, Margarita. **Ciber-cultur@ e iniciación en la investigación**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

JACKS, Nilda.; MENEZES, Daiane.; PIEDRAS, Elisa. **Meios e Audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, Nilda.; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Monica. **Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In*: Maria Immacolata Vassalo (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a.

Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2003b.

Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINO, L. M. S.; LOPES, A. G.; SOUZA, V. R. P. A entrevista na pesquisa em comunicação: reflexões metodológicas sobre duas experiências práticas. **Revista Sociais e Humanas**, v. 32, n. 3, 2019.

MARTINO, Luis Mauro de Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MATTOS, Maria Angela; BARROS, Ellen Joyce Marques; OLIVEIRA, Max Emilianio. (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PIENIZ, Monica.; WOTTRICH, Laura. Receptores na Internet: desafios para o contexto de trânsito das audiências. *In*: JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PIENIZ, Monica.; SILVA, Ronei., MATOS, Ludmila. Sujeitos em trânsito na internet. *In*: JACKS, Nilda.; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Mônica.

**Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

QUADROS, Mirian.; ASSMANN, Gabriela; LOPEZ, Debora Cristina. A análise de conteúdo nas pesquisas brasileiras em comunicação: aplicações e derivações do método. *In*: BARICHELO, E.; RUBLESCKI, A. (org.). **Pesquisa em comunicação**: olhares e abordagens. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

SIGNATES, Luiz. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. **E-Compós**. 2018.

TOMAZETTI, Tainan Pauli A map of the dissidents: the gender studies in theses and dissertations in communication of Brazil (1972-2015). **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 43, p. 57-81, 2020.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. **Avaliação da Pós-Graduação Brasileira**: análise dos quesitos utilizados pela CAPES e das críticas da comunidade acadêmica. 2015. 184p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WOTTRICH, Laura.; MAZER, Dulce.; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; CRAVEIRO, Pamela Saunders; VIEGAS, Paula. A metodologia na prática de pesquisa em Comunicação: análise de teses e dissertações da região Sul. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 43., 2020, Salvador. **Anais[...]** São Paulo: Intercom, 2020.

WOTTRICH, Laura.; MAZER, Dulce.; MONTEIRO, Maria Clara Sidou; CORRUIJA, Paula; SILVA, Ronei; DA COSTA, Sarah. O lugar do problema e dos objetivos na pesquisa em comunicação. *In*: Pôrto Jr., G. (org.). **Comunicação e jornalismo**: metodologias para se pensar a docência, o ensinar e o pesquisar [recurso eletrônico]. Vol. I: Pensar e problematizar. 1. ed. Palmas TO: Ed UFT, 2021. p. 15-42.